



4194 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT20 - Psicologia da Educação

Relações subjetivas do adolescente na escola: um olhar da Psicologia Histórico-Cultural

Aline Guilherme de Melo - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Ana Ignez Belem Lima Nunes - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

Nesse trabalho trazemos um recorte de uma pesquisa realizada em uma escola de Ensino Médio situada em Fortaleza-CE. A investigação se intitulou "a escola como espaço promotor de saúde mental e de qualidade de vida: desafios à Psicologia contemporânea". Tratou-se de uma pesquisa-intervenção cuja etapa de diagnóstico se deu com a aplicação de questionários para os estudantes. Discutimos aqui os resultados das perguntas referentes à relação do adolescente com a escola. A partir de teóricos da Psicologia Histórico-Cultural, refletimos sobre as concepções de adolescência e a importância de criar espaços de expressão e construção subjetiva na escola.

Palavras-chave: 1. Adolescência. 2. Escola. 3. Subjetividade.

Relações subjetivas do adolescente na escola: um olhar da Psicologia Histórico-Cultural

Introdução

A adolescência é um processo marcado por estereótipos sociais negativos, que atribuem aos jovens características como tensão emocional, imaturidade, conflitos interpessoais, crises de identidade, entre outros. É comum que tais aspectos sejam considerados produto natural de mudanças físicas e hormonais da idade. Evidencia-se, assim, o aspecto biológico, desconsiderando ou vendo como menos importante a relação entre o desenvolvimento do homem e o da sociedade (TOMIO e FACCI, 2009; BOCK, 2007).

Uma análise feita por Bock (2007) de livros destinados a pais de adolescentes concluiu que as obras apresentam essa visão estereotipada da adolescência como uma fase natural e permeada por elementos negativos, considerados próprios à personalidade nessa fase. As relações interpessoais com o adolescente são apontadas como difíceis, pois é inerente ao adolescente a rebeldia.

Estudos realizados com professores sobre as representações que têm acerca da adolescência chegaram a resultados semelhantes (MONTEZI et al, 2011; ARALDI et al, 2012). Essa visão é, ainda, compartilhada por psicólogos: uma pesquisa de Leite, Costa e Cruz (2008) mostrou que profissionais da Psicologia que atuam em clínicas e escolas também expressam compreensões naturalizadas acerca das vivências adolescentes.

Percebemos que essa compreensão do adolescente faz com que ele seja visto como alguém passivo, incapaz e até mesmo destrutivo. Em contraponto, teóricos da Psicologia Histórico-Cultural procuram discutir a adolescência de forma contextualizada, considerando o processo histórico e social que marca as diferentes formas de ser adolescente (BOCK, 2004; OZELLA e AGUIAR, 2008; TOMIO e FACCI, 2009).

A adolescência é entendida como uma construção social. Consequentemente, ela não existe por si mesma e a personalidade do adolescente não pode ser considerada universal. Essa concepção é embasada, principalmente, nas ideias que Vigotski desenvolveu sobre o desenvolvimento da subjetividade: a relação com a sociedade e com a cultura é o caminho pelo qual o homem se torna humano (VIGOTSKI, 2007).

Isso evidencia a importância da relação dos adolescentes com as pessoas e as instituições que fazem parte da sua vida. Tais relacionamentos contribuem para a construção da subjetividade desses sujeitos. Mas, diante das pesquisas apresentadas até aqui, temos visto que não são garantidos espaços de diálogo para que isso aconteça.

A escola é um dos ambientes potenciais para a construção de novas formas de subjetivação, afinal, é onde a maioria dos adolescentes brasileiros se encontra em boa parte do seu dia. Entretanto, essa instituição tem desperdiçado sua potência ao focar em aspectos cognitivos do desenvolvimento e compreender a personalidade a partir de estereótipos negativos. Assim, a escola, muitas vezes, ignora que o adolescente está envolto de questões sociais mais amplas que irão constituir sua subjetividade, sua relação com o mundo e seus processos psíquicos.

A compreensão de escola com a qual concordamos é apresentada por Albertina Martinez (2009, pg. 172) que a compreende "não apenas como um lugar onde uns ensinam e outros aprendem, mas como um espaço social *sui generis* no qual as pessoas convivem e atuam". É nesse aspecto que se dá a oportunidade de atuação da Psicologia no espaço educativo, compreendendo a aprendizagem em seu viés subjetivo.

Considerando que o desenvolvimento humano ocorre por meio da relação dialógica entre homem e sociedade, não podemos esperar um adolescente diferente sem que a visão social sobre ele apresente mudanças significativas. Nesse sentido, dar voz aos adolescentes e compreender suas vivências a partir da sua própria visão é o caminho para construir relações e políticas públicas efetivas para esse público.

Esse é o objetivo do trabalho aqui apresentado. Ele é um recorte de uma pesquisa realizada por três anos em uma escola de Ensino Médio profissionalizante da cidade de Fortaleza-CE. Tratou-se de uma pesquisa-ação intitulada "A escola como espaço promotor de saúde mental e de qualidade de vida: desafios à Psicologia contemporânea".

A pesquisa longitudinal acompanhou três turmas da escola, que somavam 95 alunos. A escola fica situada num bairro de classe média da

capital, mas por ser estratégica em termos de acesso ao transporte público atende todos os bairros de Fortaleza. A pesquisa envolveu diversas etapas e trabalhou com todos os segmentos da escola (pais, professores e estudantes).

Neste resumo trazemos os resultados obtidos na fase de diagnóstico, a partir de respostas ao questionário aplicado aos alunos. O instrumento foi elaborado depois de observações na escola, entrevistas com os educadores e consulta a referências sobre o tema. O pré-teste foi feito em uma turma com características semelhantes as dos alunos pesquisados.

Essa foi a primeira etapa da investigação e o instrumento foi respondido por noventa e um adolescentes. Ele continha setenta e oito questões, entre perguntas objetivas e abertas, divididas nas categorias 1) eu e minha escola; 2) eu, minha família e meu bairro 3) eu comigo. Apresentaremos dados referentes à primeira categoria, o que nos permite discutir as relações que o adolescente estabelece com a instituição escolar e com os sujeitos presentes nela (como seus pares e professores).

Desenvolvimento

Em relação ao perfil dos estudantes pesquisados 57% tinham entre dezesseis e dezessete anos na época da pesquisa, 98% eram solteiros e sem filhos, 57% tinham a mãe como chefe da família e a renda familiar de mais de 71% dos alunos variava entre quinhentos e mil reais. O número de pessoas com quem esses adolescentes dividiam a casa, na maioria (69%), variava entre quatro e cinco moradores. Sobre o nível de escolaridade da família, as mães de 67% dos alunos tinham ensino médio completo, enquanto a porcentagem de pais com o mesmo nível de ensino ficou em torno de 53%.

O questionário possibilitou que os adolescentes expressassem suas opiniões sobre a escola, mostrando os sentidos que eles constroem sobre ela e como as relações estabelecidas ali afetam seu processo de aprendizagem e de desenvolvimento. A análise dos questionários evidenciou a presença inegável da dimensão subjetiva nos processos escolares.

Entre os comportamentos mais frequentes na escola, os elementos mais citados passam pela dimensão do afeto e da interação – brincadeiras entre alunos (76%), relações de amizade (53%), conflitos entre professores e alunos (42%), namoro (35%), práticas esportivas e culturais (34%). A referência aos processos cognitivos apareceu com as opções: dificuldades de aprendizagem (35%) e situações de estudo (25%).

Outra questão que reforçou esse resultado foi que tratou do espaço preferido pelo adolescente na escola. A maioria das respostas (79%) apontou espaços fora da sala de aula, como o pátio externo, laboratório de informática, biblioteca e quadra de esportes. Esses dados estão de acordo com pesquisas que também abordam o cotidiano escolar e demonstram a desconstrução da primazia do cognitivo. Para Tanamachi e Meira (2003):

a aprendizagem depende da socialização. O conhecimento é construído, transmitido e apropriado necessariamente na relação com os outros. É fundamental que a escola favoreça o maior número possível de oportunidades de vivência de relações sociais significativas. [...] embora a relação entre os alunos seja vista como secundária e até como elemento perturbador do andamento das aulas, as elaborações teóricas de Vigotski indicam que a interação aluno-aluno é fundamental no processo de socialização e desenvolvimento cognitivo. (pg. 50)

Sabemos que os diversos relacionamentos estabelecidos na escola influenciam no modo como os estudantes lidam com as tarefas e a rotina escolar. Conhecer as relações estabelecidas com o professor e com os colegas da turma, assim como com a escola de modo geral, é fundamental para que entendamos o contexto do aluno na instituição. Na pesquisa, os resultados indicaram a existência de conflitos entre alunos e também apareceram relatos de dificuldades na relação com os professores.

Em itens que abordaram essa questão obtivemos que 45% dos alunos não confiam nos seus professores. Além disso, 28% acham que os docentes não acreditam na sua capacidade e 16% consideram que eles não os tratam bem. Esses dados expõem um contexto de dificuldades no relacionamento com professores que pode ser prejudicial para os processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Uma questão central para a nossa pesquisa foi a que perguntou se existe algo na escola que cause estresse nos alunos. A maioria dos adolescentes (76%) afirmou que sim. Desses, 37% citaram os problemas com colegas, como questões de preconceito, *bullying* e outros desentendimentos, como o fator que mais causa estresse. Também é citada, por 30%, a carga horária considerada excessiva e o pouco espaço reservado para atividades de esportes, artes e cultura. Problemas com professores, metodologias rígidas ou matérias desinteressantes foram destacados por 27% dos estudantes.

Saber que a maioria dos alunos se sente estressada na escola é um elemento delicado para análise do contexto escolar. Em termos subjetivos, vemos que essa instituição está gerando elementos de sofrimento psíquico para o corpo discente. Logo, é preciso discutir o papel da escola na promoção de saúde mental e qualidade de vida.

A partir da abertura do diálogo, a escola pode pensar em estratégias que respondam às demandas do aluno, de preferência envolvendo os próprios adolescentes nas ações de mudança. Um obstáculo comum que dificulta a efetivação de maiores canais de diálogo e participação dos alunos na escola é a crença superficial de que os estudantes são apenas espectadores passivos das atitudes dos adultos.

Na pesquisa obtivemos dados que contradizem esse descrédito. As respostas dadas ao questionário foram utilizadas no planejamento da intervenção, que se desenvolveu a partir de oficinas temáticas com as turmas de adolescentes. A partir dos estudos e dos dados da pesquisa, acreditamos que é preciso criar mais espaços e momentos de troca e aprendizagem entre nós e os estudantes, e deles entre si.

Conclusão

Com os questionários pudemos dar voz aos adolescentes e reforçar o quanto essa é uma ação importante no contexto educacional. Pesquisas como a que desenvolvemos atuam no sentido de evidenciar cada vez mais que o espaço educativo é *locus* de importantes relações subjetivas e que a aprendizagem está intrinsecamente ligada ao aspecto subjetivo. É necessário fortalecer no Brasil a cultura de escuta aos estudantes, executando ações efetivas nesse sentido (CARVALHO, MEIRELES e GUZZO, 2018).

O instrumento utilizado possibilitou que os elementos subjetivos emergissem nas relações escolares. Aspectos estes que, no cotidiano normal da escola, ficam no campo do não dito, onde os discursos não circulam – o que pode ter como consequência práticas superficiais e descontextualizadas, além de vivências de sofrimento emocional.

É na produção constante de novos sentidos que o ser humano constitui sua subjetividade, a partir de suas relações. Concluímos que a escola é, portanto, não apenas espaço de expressão de subjetividades, mas também de produção subjetiva. É preciso se abrir para novas compreensões e relações com os adolescentes na escola, superando a visão estereotipada e incentivando que eles ocupem espaços de reflexão e ação.

A maior cooperação entre adolescentes e escola pode trazer benefícios para ambos. De um lado, a instituição vai atuar no desenvolvimento integral do estudante como sujeito crítico e ativo e, de outro, cada adolescente será mais um colaborador em práticas educativas contextualizadas. Os processos de aprendizagem são mais efetivos quando envolvem os estudantes em atividades amplas que

envolvam a subjetividade.

A psicologia escolar contribui para a superação da dicotomia entre cognitivo e subjetivo (CARVALHO, MEIRELES e GUZZO, 2018). O psicólogo atua no reconhecimento da subjetividade que perpassa a escola e na capacitação para trabalhar com ela. Assim, seu olhar crítico é positivo para efetivação de novas práticas na educação brasileira.

Referências

ARALDI, J. C. et al . Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 16, n. 40, p. 135-148, Mar. 2012 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09/08/2018

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas , v. 11, n. 1, p. 63-76, June 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20/05/2013

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 24, n. 62, p. 26-43, Apr. 2004 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20/05/2013

CARVALHO, J. P. M.; MEIRELES, J.; GUZZO, R. S. L. Políticas de Participação de Estudantes: Psicologia na Democratização da Escola. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 38, n. 2, p. 378-390, June 2018 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000200378&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17/08/2018

LEITE, L. M. B.; COSTA, T. C. S.; CRUZ, J. M. de O. Percepção de Psicólogos sobre Adolescência. **Psicologia & m Foco**, v. 1 n. 1. Jul/Dez 2008. Disponível em <http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/161_063733_6.pdf> Acesso em 14/05/2013

MARTINEZ, A. M. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas , v. 13, n. 1, p. 169-177, June 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20/05/2013

MONTEZI, A. V. et al . Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 16, n. 2, p. 299-305, June 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17/08/2018

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 38, n. 133, p. 97-125, Apr. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20/05/2013

TANAMACHI, E. de R. e MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação. In: MEIRA, M. E. M. e ANTUNES A. M. (org.). **Psicologia Escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003

TOMIO, N. A. O. FACCI, M. G. D. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v.12, n.1, p. 89-99, jan./abr. 2009 Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/14059>> Acesso em 14/05/2013

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007